

Saliente da morte: O ataque a gás e o batismo de fogo da Força Expedicionária Canadense na Segunda Batalha de Ypres (1915)

Carlos Roberto Carvalho Daróz ^a

Resumo: A segunda Batalha de Ypres, transcorrida em 1915 durante a Primeira Guerra Mundial, assinalou o batismo de fogo da Força Expedicionária Canadense na Frente Ocidental, e foi o palco do primeiro ataque a gás da história. Este confronto não só introduziu novas tecnologias e armas letais, mas também testemunhou a resiliência e coragem dos soldados canadenses, que suportaram e resistiram ao terrível ataque. Este evento representou um ponto de virada, inaugurando um novo paradigma de guerra e deixando um legado duradouro. A investigação que resultou no presente foi baseada em fontes primárias, oferecendo uma análise profunda e autêntica da atuação da 1ª Divisão canadense em Ypres.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial, Força expedicionária canadense, guerra química.

INTRODUÇÃO

Apesar do incessante bombardeio alemão que atacava as linhas francesas em seu flanco esquerdo, perto da cidade de Ypres, no noroeste da Bélgica, repleta de escombros, os soldados da 1ª Divisão canadense, em

grande parte sem qualquer experiência de combate, encontraram o início da primavera de 22 de abril de 1915 surpreendentemente quente e agradável. Cansados após uma longa noite, fixando obstáculos de arame farpado e consertando trincheiras no saliente de Ypres, os homens

^a Coronel de Artilharia, doutor em História. Associado titular emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



descansavam em suas posições avançadas. Atrás das linhas, as tropas de reserva jogavam futebol, enquanto seus oficiais desfrutavam de uma partida de polo cavaleiresca. Mesmo quando a direção do bombardeio mudou para o setor dos canadenses, no final da tarde, os soldados não ficaram excessivamente alarmados. Tão subitamente como começou, o bombardeio cessou e os aviões alemães que circulavam sobre as linhas de frente desapareceram.

De repente, por volta das 17h, pesado fogo de infantaria e novos bombardeios de artilharia foram dirigidos ao setor francês do saliente. Então, uma sinistra nuvem amarelo-esverdeada começou a se deslocar em direção às linhas francesas, empurrada por uma brisa quente procedente do oeste.

Este vívido relato demonstra como o primeiro emprego de ataque a gás impactou a 1ª Divisão canadense, uma unidade recém-criada e inexperiente,

durante a segunda Batalha de Ypres.

O propósito do presente artigo é analisar o papel das forças canadenses durante a batalha, e avaliar em que medida sua resistência ao ataque a gás alemão contribuiu para a manutenção do saliente de Ypres, importante região estratégica na Flandres belga, e palco de violentos combates durante a guerra.

O estudo emprega metodologia centrada no estudo de correspondências e diários de comandantes militares da época, proporcionando uma visão única e contextualizada das tensões e desafios enfrentados no *front*. As fontes primárias para esta pesquisa foram extraídas durante período de estágio doutoral realizado pelo autor na Université Libre de Bruxelles, com fomento do *Programme Erasmus+*, da União Europeia. No curso da investigação, além de analisar acervos documentais, o autor realizou pesquisa de campo na cidade de Ypres, Bélgica, em duas oportunidades, quando buscou fontes



junto ao terreno onde se desdobrou o campo de batalha, e em cemitérios militares localizados na região. Também foram realizadas investigações no Imperial War Museum, de Londres; National Archives, em Surrey; Musée de l'Armée, de Paris; Royal Musée de l'Histoire Militaire et des Forces Armées, de Bruxelas, Musée Militaire, de Tournai, e, principalmente, Musée In Flanders Fields, de Ypres¹.

A GRANDE GUERRA É DEFLAGRADA

A Grande Guerra² teve início em 1914, e foi desencadeada por uma série de eventos interligados. O assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, em Sarajevo, no dia 28 de junho de 1914, foi o estopim do conflito. As tensões pré-existentes, incluindo rivalidades nacionais, militarismo exacerbado, sistemas de alianças complexos e disputas

territoriais, contribuíram para a eclosão do conflito.

Duas alianças principais polarizaram as nações europeias: a Tríplice Entente, composta por França, Rússia e Grã-Bretanha, e a Tríplice Aliança, formada por Alemanha, Áustria-Hungria e Itália (que posteriormente se tornou neutra e mudou de lado)³. Essas alianças criaram um ambiente de tensão, onde um conflito local poderia rapidamente se transformar em uma guerra generalizada.

A Alemanha, buscando uma rápida vitória na Frente Ocidental e atendendo ao Plano Schlieffen⁴, invadiu a Bélgica em agosto de 1914, violando a neutralidade do país, que era garantida pela Grã-Bretanha e pela França, conforme tratados anteriormente firmados⁵. O movimento alemão visava contornar as defesas francesas na fronteira, mas encontrou forte resistência. As forças Aliadas conseguiram conter o avanço alemão na Batalha do Marne⁶, em setembro de 1914, estabelecendo uma linha defen-



siva vital na fronteira franco-belga.

Durante a luta na Frente Ocidental, a cidade belga de Ypres tornou-se um ponto estratégico crucial. Os exércitos Aliados, incluindo britânicos, franceses e belgas, enfrentaram as investidas alemãs na área, resultando na formação do saliente de Ypres. Esta posição, caracterizada por linhas de frente em formato de saliência, foi palco de intensos combates e significou uma resistência tenaz contra o avanço inimigo. A região ganhou importância simbólica, representando a resiliência das forças Aliadas e marcando um dos primeiros usos significativos da guerra química, pelos alemães, na Segunda Batalha de Ypres, em 1915.

O CANADÁ INGRESSA NA GUERRA

No início do século XX, o Canadá era um domínio autônomo dentro do Império Britânico,

desfrutando de considerável autonomia governamental⁷. Contudo, sua política externa era largamente influenciada pela Grã-Bretanha. A população canadense, predominantemente de origem britânica e francesa, estava profundamente ligada à Coroa britânica.

Quando a Grã-Bretanha declarou guerra em 1914, o Canadá, como parte do Império Britânico, automaticamente se viu envolvido no conflito. O governo do domínio, liderado pelo primeiro-ministro Sir Robert Borden, ofereceu apoio total à causa Aliada, comprometendo-se a enviar tropas para a Europa para contribuir no esforço de guerra.

A resposta canadense à mobilização foi criar uma força expedicionária, organizada e treinada meticulosamente, incorporando homens de todas as regiões do Canadá⁸. Os canadenses que compunham a 1ª Divisão eram todos voluntários, jovens ansiosos que se aglomeraram em escritórios de recrutamento em todo o país depois que a notícia



chegou às várias províncias, em 4 de agosto de 1914, de que a Grã-Bretanha estava em guerra com a Alemanha. Embora fosse um domínio autônomo, que cuidava dos seus próprios assuntos internos, o Canadá ainda fazia parte do Império Britânico, e, quando a Grã-Bretanha estava em guerra, o Canadá precisava assumir sua responsabilidade. Planos de mobilização foram rapidamente elaborados para formar uma divisão de 25.000 homens para auxiliar a Grã-Bretanha. Até 8 de setembro, quase 33.000 homens haviam se alistado para lutar. Outros 2.000 chegariam em breve ao recém-construído Camp Valcartier, perto de Quebec⁹.

Em um mês, os voluntários foram organizados em três brigadas de infantaria – 12 batalhões no total – e outras tropas foram para unidades de cavalaria, artilharia, engenharia, comunicações e saúde. Em 3 de outubro, cerca de 31.000 soldados canadenses embarcaram em 30 navios de transporte com destino à Inglaterra. Onze dias depois, o

comboio, escoltado por um encouraçado e um cruzador da Marinha Real, atracou em Plymouth, e foi recebido festivamente por uma multidão entusiasmada. Aguardando a 1ª Divisão, estava seu novo comandante, o tenente-general Edwin Alderson, pertencente ao Exército Britânico, um veterano com 36 anos de serviço militar que havia liderado as tropas canadenses na Guerra dos Bôeres¹⁰. Mesmo sendo britânico, ao longo da guerra Alderson se mostraria extremamente popular entre os canadense.

DESTINO: FLANDRES

Os canadenses recém-chegados foram enviados para a planície de Salisbury, 160 quilômetros a nordeste de Plymouth, onde deram início a quatro meses de treinamento intensivo perto do famoso santuário druída em Stonehenge. Choveu durante 89 dos 123 dias seguintes, e muitos dos recrutas contraíram gripe, dores de garganta e me-



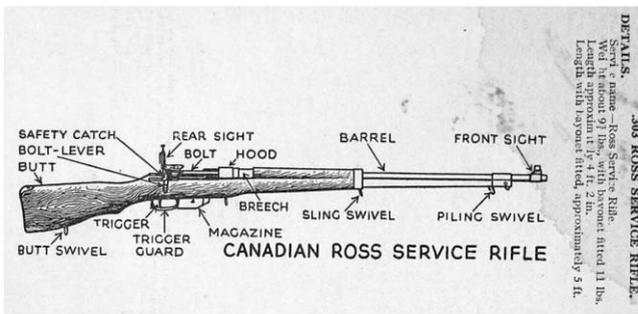
ningite. Vinte e oito homens acabariam por morrer desta última doença. Finalmente, em fevereiro de 1915, chegou a tão esperada ordem para a 1ª Divisão seguir para a França¹¹.

Antes de partir, Alderson providenciou a substituição das botas e túnicas fornecidas no Canadá, desconfortáveis aos homens, por produtos britânicos de melhor qualidade. Para seu desgosto, no entanto, os homens tiveram que seguir para o combate com o fuzil Ross calibre .303 (figura 1), uma arma de qualidade duvidosa que possuía a tendência de travar quando disparado repetidamente, ou carregado com munição de origem bri-

tânica¹².

Uma vez na França, a 1ª Divisão foi enviada para um setor tranquilo da frente de Flandres e conjugada com uma unidade britânica veterana para se ambientar e receber treinamento avançado. Oficiais e soldados foram designados para as trincheiras britânicas da linha de frente por 48 horas seguidas, para adquirirem um pouco de experiência no terreno. A divisão, então, mudou-se para Fleurbaix, onde tomou parte, cumprindo tarefas secundárias, na Batalha de Neuve Chapelle, travada entre 10 e 13 de março de 1915. Lá, o I Exército britânico, liderado pelo general Sir Douglas

Fig. 1 Manual de operação do pouco eficiente fuzil Ross canadense



Fonte: Imperial War Museum



Haig, quase conseguiu um avanço surpreendente contra a linha alemã, apenas para vacilar devido a falhas nas comunicações e à falta de apoio¹³. A única contribuição dos canadenses para a luta foi fornecer algum fogo diversivo, enquanto as tropas britânicas e indianas investiam inutilmente contra as trincheiras inimigas.

Apesar de seu relativo não envolvimento em Neuve Chapelle, os canadenses consideraram a primeira experiência na guerra de trincheiras uma boa oportunidade de aprendizado. Foram elogiados pelos seus superiores por serem “homens magníficos [...] muito rápidos em adquirir novas capacidades e em aprender os truques do ofício”¹⁴. Foi bom que os canadenses aprendessem rápido, pois logo foram transferidos para o II Exército britânico, do general Sir Horace Smith-Dorrien, estacionado no centro do saliente de Ypres, que possuía cerca de 27 quilômetros de extensão. Em meados de abril, os canadenses foram designados

para substituir a 11^a Divisão francesa, na linha de frente diante dos alemães. A posição que lhes foi confiada possuía 3,8 quilômetros de frente: a 2^a Brigada ocupou a metade direita do setor, a 3^a Brigada a esquerda, e a 1^a ficou em reserva.

O TEMIDO SALIENTE DE YPRES

Para sua consternação, os canadenses encontraram as trincheiras francesas em péssimo estado. Não apenas estavam amplamente dispersas e desconectadas, mas também tinham poucas defesas de arame farpado, e os parapeitos existentes não eram grossos o suficiente para deter os projetis inimigos. Os defensores recém-chegados não viam como o setor poderia ser mantido se fosse feito um esforço determinado para tomá-lo por uma força inimiga. As trincheiras também fediam, porque os franceses, temendo se expor ao fogo inimigo, as usavam como latrinas. Somando-se à imundície



geral, havia centenas de corpos de alemães mortos entre as linhas, na terra de ninguém¹⁵. Mais cadáveres em decomposição semi sepultados foram descobertos quando os canadenses começaram a melhorar suas novas posições.

Na primavera de 1915, o saliente de Ypres era considerado um dos lugares mais perigosos da Frente Ocidental, em razão da quantidade de combates e mortes. Em outubro e novembro de 1914, uma tênue linha de soldados regulares britânicos repeliu repetidamente ataques massivos alemães. Quando os combates cessaram no inverno, quase um quarto de milhão de homens haviam sido mortos ou feridos. Taticamente falando, o saliente de Ypres não tinha qualquer significado militar particular para os Aliados. O terreno, localizado na planície da Flandres, era baixo e plano, interrompido esporadicamente por um punhado de cristas alongadas com reduzida elevação. A vantagem de terreno que havia ao redor de Ypres era

dos alemães, que ocupavam as cristas mais altas, com ampla vista para o saliente. Com excelentes postos de observação e linhas de observação claras, sua artilharia era capaz de disparar concentrações de projéteis com bastante precisão sobre a exposta posição aliada.

A verdadeira razão para manter o saliente era simbólica, uma vez que era o último pedaço remanescente de do território belga que ainda estava nas mãos dos Aliados. Como tal, representava a sua determinação inabalável em sustar o ataque alemão e vencer a guerra.

Embora os alemães tivessem sido impedidos em 1914 de tomar o saliente, não desistiram de forma alguma de conquistar o terreno. O general Erich von Falkenhayn, chefe do estado-maior alemão, planejou outra ofensiva limitada contra Ypres em abril de 1915. Falkenhayn acreditava que o próximo ataque funcionaria como uma ação diversionária para mascarar o principal ataque dos alemães contra os russos na



Frente Oriental. Também lhes daria uma melhor posição estratégica ao longo do Canal da Mancha. Por último, mas não menos importante, proporcionar-lhes-ia uma oportunidade para experimentar uma nova e terrível arma ofensiva: o gás Cloro. O gás é

do inalado, reage com a água presente nos tecidos pulmonares, formando ácido clorídrico. Esse ácido danifica as membranas celulares e leva a um acúmulo de fluido nos pulmões, resultando em edema pulmonar. Além disso, a inalação do gás cloro pode causar danos irreparáveis ao sistema respiratório, levando à asfixia, que também ataca os pulmões¹⁶.

Fig. 2 – Soldados alemães instalam as linhas de gás antes de um ataque em Ypres, 1915



Fonte: Musée Royal de Histoire Militaire et des Forces Armées, Bruxelles

altamente irritante para os olhos, nariz, garganta e pulmões. Quan-

A ESTREIA DO GÁS CLORO

Os alemães já haviam experimentado formas menos mortíferas de guerra com gás na primeira batalha de Neuve Chapelle, em outubro de 1914, e em Bolymov, na Frente Oriental, em janeiro de 1915. Essas tentativas, borrifando pólvora em Neuve Chapelle e gás lacrimogêneo em Bolymov, redundaram



em fracassos constrangedores. Em ambos os casos, os agentes químicos não conseguiram dispersar-se e as tropas aliadas nem sequer se aperceberam que estavam sob ataque.

Mais tarde naquele inverno, o químico alemão Fritz Haber, que anos mais tarde ganharia o Prêmio Nobel¹⁷, e na ocasião servia na reserva do exército, sugeriu que o alto comando alemão considerasse o uso de gás Cloro. Haber acreditava que o gás poderia ser lançado por meio de um sistema relativamente simples de cilindros de ar comprimido, descarregados através do escapamento de tubulações fixadas ao solo (figura 2). Tal sistema de lançamento, além de ser mais eficiente do que os *pallets* de gás embalados em granadas de artilharia tradicionais, possuía a vantagem adicional de não violar expressamente a Convenção de Haia, a qual proibia o uso de projéteis carregados com gás¹⁸.

Com o apoio de sua típica indústria, no início de março os alemães começaram a instalar os

cilindros de gás Cloro de Haber em suas trincheiras ao longo do lado sul do saliente de Ypres. Os cilindros, cada um com um metro e meio de altura e pesando 86 quilogramas, foram agrupados em grupos de dez, unidos por meio de um coletor a um único tubo de descarga, que era controlado por um engenheiro químico especialmente treinado. No dia 10 de março, cerca de 6.000 cilindros estavam instalados no setor de Ypres. Curiosamente, as primeiras vítimas foram três soldados alemães, que foram mortos quando projéteis aliados atingiram alguns dos cilindros, liberando o gás atrás das linhas alemãs. Depois de duas semanas frustrantes de espera sem que o tempo cooperasse e o vento soprasse na direção certa, o duque Albrecht de Württemberg, comandante do 4º Exército alemão em Ypres, modificou seus planos de batalha¹⁹.

Em vez de lançar o gás contra o lado sul do saliente, os alemães decidiram atacar o lado norte, entre as cidades de Steens-



traat e Poelcappelle. Assim, as tropas da linha de frente começaram a instalar cilindros de gás nas trincheiras voltadas para o setor norte. Até 11 de abril, cerca de 5.730 cilindros estavam posicionados. O ataque foi marcado para o dia 15, e dois corpos, os XXIII e XXVI de Reserva, foram designados para desencadeá-lo. Atrás de uma nuvem de gás Cloro, sua infantaria deveria avançar cerca de 2,4 quilômetros para o interior do saliente e capturar as posições elevadas em poder dos Aliados. Lá, deveria escavar posições defensivas e fornecer fogo de cobertura para tropas adicionais. Os alemães acreditavam que a perda do terreno elevado tornaria impossível para os Aliados permanecerem no saliente. Mais uma vez, o dia marcado não trouxe vento de oeste, e o ataque foi remarcado para o dia 22²⁰.

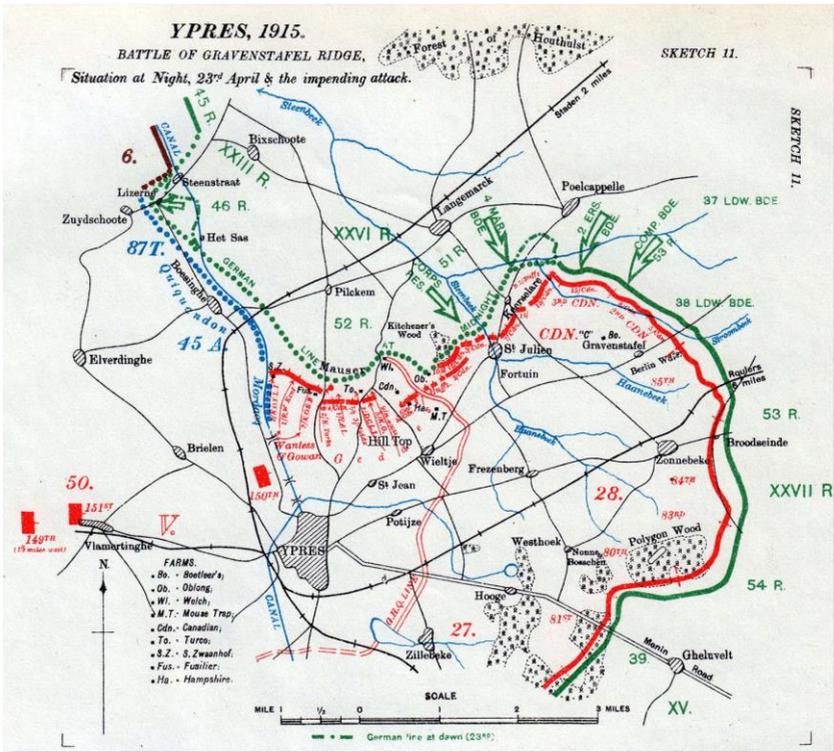
O USO DO “GÁS ASFIXIANTE ERA IMINENTE”

Relatos de que os alemães estavam planejando algo ameaçador já vinham correndo pelas linhas Aliadas há algum tempo. No dia 13 de abril, um desertor alemão atravessou a terra de ninguém até as trincheiras francesas, trazendo consigo informações potencialmente importantes. Interrogado no quartel-general da 11^a Divisão francesa, o desertor falou livremente sobre o poderio das tropas alemãs e alertou que um ataque envolvendo “gás asfixiante” era iminente. O comandante da divisão francesa levou o assunto a sério o suficiente para enviar um relatório aos britânicos. O alto-comando francês, porém, desconsiderou a ameaça, ao mesmo tempo em que repreendeu o oficial em questão, por se comunicar diretamente com as tropas britânicas²¹.

Outro desertor alemão negou veementemente que seu exército estivesse planejando



Fig. 3 – Frente no saliente de Ypres, 1915



Fonte: National Archives, Surrey

utilizar gases venenosos. Em vez disso, afirmou que o pacote suspeito de algodão que carregava consigo tinha como objetivo protegê-lo contra um possível ataque de gás francês.

Em 16 de abril, um espião belga confirmou que tubos de gás asfíxiante estavam sendo insta-

lados ao longo da frente alemã. A inteligência belga também informou que os alemães encomendaram 20 mil respiradores bucais ao seu depósito de suprimentos em Gent²².

O reconhecimento aéreo britânico, no entanto, informou que não houve nenhum movimento



anormal atrás das linhas alemãs. Para garantir a segurança, o tenente-general Sir Herbert Plummer, comandante do V Corpo de Exército britânico, alertou seus comandantes de divisão sobre um possível ataque a gás. Quando o suposto ataque não se concretizou imediatamente, a vida nas trincheiras voltou ao normal. Mas tal situação não perduraria por muito tempo.

Na manhã de 22 de abril, os soldados alemães aguardavam em suas trincheiras pelo sinal final para avançar. O ataque estava previsto para começar às 5h, mas, novamente, o vento não cooperou. Não havia nada que os alemães pudessem fazer, a não ser sentar e esperar. Uma manhã e uma tarde

inteira se passaram. Finalmente, as ordens chegaram à frente para que os homens se preparassem para ultrapassar o topo das trincheiras²³. O ataque tinha iniciado.

UMA NUVEM TÓXICA DE MORTE E MISÉRIA

Às 17h, os cilindros foram abertos, expelindo cerca de 149 mil quilogramas de gás Cloro amarelo-esverdeado pelos esca-

Fig. 4 – Corpos de soldados da 45ª Divisão Argelina abandonados em sua trincheira em Langemarck, na Bélgica



Fonte: Service Historique de la Defense, Paris



pamentos em direção à linha francesa, que era guarnecida por duas divisões, a 87ª Territorial e a 45ª Argelina²⁴. À medida que nuvens turbulentas do gás mortal atingiam as linhas francesas, soldados horrorizados começaram a agarrar suas gargantas, a rolar no chão e a tossir espessas golfadas de sangue, enquanto lutavam em vão por oxigênio (figura 4). Os Territoriais, em pânico, abandonaram suas trincheiras em um esforço desesperado para escapar da nuvem tóxica. Para aumentar a sua miséria, a artilharia alemã atacou as linhas francesas pouco depois de o gás ter sido libertado²⁵. Vinte minutos depois, as tropas alemãs, usando máscaras de algodão envoltas em gaze, avançaram cautelosamente na direção do saliente²⁶.

Grupos de soldados de infantaria franceses desorientados tentaram oferecer alguma resistência, mas a maioria dos seus camaradas já havia fugido aterrorizada. Por outro lado, os artilheiros franceses guarneceram

corajosamente seus canhões de 77 mm, e começaram a atacar os alemães que se aproximavam. Por volta das 19h, os atacantes silenciaram a maior parte das armas, capturando 57 delas²⁷. O restante das peças foi abandonado pelos franceses em retirada.

Posicionados imediatamente à direita dos franceses na linha, os canadenses da 1ª Divisão observaram com crescente alarme enquanto seus aliados corriam para salvar suas vidas. Ambulâncias e vagões de munição saltando descontroladamente, abarrotados de soldados africanos de olhos arregalados e aterrorizados, esmagaram sebes e tombaram sobre valas, passando pelos canadenses, desesperados para escapar do horror atrás deles. Ao lado das carroças vinham mais soldados da infantaria francesa, correndo desarmados em direção à retaguarda. Para aumentar a intensa confusão, civis belgas residentes em Ypres também obstruíram as estradas, tentando escapar. O setor norte do saliente rapidamente se tornou em con-



Fig. 5 – Esses Highlanders exibem o que poderiam ser considerados os primeiros “respiradores”. Compostos por um conjunto de óculos e almofadas de algodão, ofereciam limitadíssima e pouco eficaz proteção contra ataques a gás.



Fonte: Imperial War Museum

fusão. Uma brecha de seis quilômetros de largura se abriu nas linhas francesas, fazendo com que os 50.000 soldados britânicos e canadenses corressem perigo de serem isolados pelo inimigo²⁸.

URINANDO EM LENÇOS, UM ANTÍDOTO DE ÚLTIMA HORA

Lenta mas continuamente, a nuvem começou a se deslocar em direção às linhas canadenses. Um oficial médico, capitão Francis Alexander Scrimger²⁹, pertencente ao 14º Batalhão da 3ª Brigada,



conseguiu identificar imediatamente que o gás era o Cloro, e propôs uma solução temporária e um tanto incomum. Scrimger fez com que os homens de sua unidade urinassem em seus lenços e depois os amarrassem na boca. Com tal artifício, esperava que o Cloro cristalizasse antes da inalação pelos homens. Felizmente para os canadenses, o gás já havia começado a se dissipar e os homens receberam apenas uma leve gaseificação, que resultou em olhos lacrimejantes, coriza e dificuldade de respiração³⁰.

Com o perigo do gás evitado, os canadenses enfrentaram a tarefa mais urgente de como desacelerar o avanço alemão e preencher a brecha no saliente, situação que parecia difícil. O 13º Batalhão (Royal Highlanders) manteve as trincheiras no flanco esquerdo até a estrada Poelcappelle, mas seu próprio flanco foi deixado desprotegido pelas tropas francesas em fuga. Os majores Rykert McCuaig e Edward Norsworthy organizaram uma defesa ao longo do Poelcappel-

le-estrada de Saint Julien. De uma vala rasa ao longo da estrada, os Highlanders fizeram uma tentativa corajosa, mas fracassada, de impedir que os alemães flanqueassem a posição canadense. Todos os soldados foram mortos ou capturados em uma luta breve e violenta, mas a resistência do 13º conseguiu desacelerar os alemães e torná-los cautelosos em avançar na escuridão, que aumentava de intensidade com o crepúsculo³¹.

Com a queda da pequena força de McCuaig e Norsworthy, quatro canhões da 10ª Bateria sob o comando do major William King representaram a única resistência remanescente ao longo de uma brecha de um quilômetro de largura entre as linhas de frente e Saint Julien. Os canhões atingiram uma casa próxima, que os alemães tinham acabado de capturar, depois voltaram-se para abrir fogo, à queima-roupa, contra uma coluna inimiga que marchava para oeste pela estrada para Poelcappelle. À medida que a escuridão caía, King sabia



que estava em apuros, pois não havia como manter sua posição por muito mais tempo. Bem a tempo, 60 soldados canadenses do 13º Batalhão chegaram de Saint Julien e uniram-se aos artilheiros de King.

Os alemães atacaram repetidamente, apenas para serem rechaçados pelo cabo Frederick Fisher, de 19 anos (figura 6), e sua seção de quatro metralhadoras Colt. Depois que seus homens foram mortos em um combate violento, ele lutou sozinho, levando sua arma para uma posição mais exposta e continuando a disparar contra os alemães³². Enquanto isso, os artilheiros de King sacaram suas próprias armas portáteis para evitar que fossem capturados pelo inimigo que se aproximava rapidamente. Fisher morreu defendendo a bateria e, mais tarde, tornou-se o primeiro soldado canadense na guerra a receber a Victoria Cross³³.

Após o fim dos combates em Poelcappelle, não houve mais resistência aliada organizada

entre Saint Julien e as linhas canadenses. Os alemães, no entanto, também estavam gravemente debilitados e hesitaram, sem saber qual o nível de resistência que os esperava na escuridão.

Fig. 6 – Cabo Frederick Fisher, do 13º Batalhão. Por sua ação heroica em Ypres, foi o primeiro canadense a receber a Victoria Cross na Grande Guerra (postumamente)



Fonte: Black Watch Regiment.

Enquanto os alemães pararam durante a noite, os canadenses providenciaram para tapar a brecha de um quilômetro de largura em sua linha, a fim de evitar



que o inimigo se voltasse para o sul e os isolasse no interior do saliente.

À medida que a escuridão aumentava, o 10º e o 16º batalhões receberam ordens de desencadear um contra-ataque contra os alemães em Kitchener's Woods, um denso aglomerado de árvores imediatamente a oeste de Saint Julien, pois o controle da floresta permitiria aos alemães penetrar nas linhas canadenses na manhã seguinte e capturar a cidade. Às 23h45, 1.500 homens dos dois batalhões posicionaram-se na linha de partida, a fazenda Mouse Trap, a 500 metros de distância. Uma planejada articulação com as tropas francesas nunca se concretizou, já que a maioria dos franceses estava distante, mas os canadenses avançaram o mais silenciosamente possível. A 200 metros da floresta, os homens depararam-se com uma sebe de quase dois metros de altura, entrelaçada com arame farpado. Enquanto os canadenses lutavam para se livrar da inesperada barreira, um

sinalizador alemão oscilou no alto e iluminou a escuridão³⁴.

Os alemães imediatamente abriram fogo com metralhadoras e fuzis, enquanto os canadenses aferraram-se ao solo para evitar os fogos inimigos. O major James Lightfoot, do 10º Batalhão, levantou-se e gritou: “Vamos, rapazes, lembrem-se de que vocês são canadenses!”³⁵ Inspirados pela liderança de seu comandante, os homens se levantaram e atacaram a floresta. Apesar do intenso fogo de metralhadora, alguns soldados determinados alcançaram a posição alemã e expulsaram o inimigo em um violento combate a baioneta.

Com a captura da trincheira, os homens restantes dos dois batalhões avançaram e limparam a maior parte de Kitchener's Woods, abrindo uma cunha de 900 metros nas linhas alemãs. Recebendo fogos de todas as direções, logo ficou dolorosamente claro para os canadenses que não seriam capazes de defender a floresta. Camaradas do 2º e 3º batalhões avançaram para apoiá-los,



mas, ao amanhecer, foram destruídos enquanto tentavam cruzar o campo aberto. Os soldados que já estavam dentro da floresta se agacharam e resistiram enquanto puderam³⁶.

Do outro lado das linhas, os alemães anteciparam a vitória. O XXIII Corpo de Reserva recebeu a missão de cruzar o Canal do Yser, seis milhas a oeste, e tomar Poperinghe. Enquanto isso, o XXVI Corpo de Reserva continuaria avançando para o sul contra os canadenses. Ao atravessar o canal e cortar o topo do saliente, os alemães pretendiam forçar os remanescentes britânicos e canadenses a recuar. Com uma vantagem de cinco para dois em homens e de cinco para um em artilharia, os alemães tinham bons motivos para se sentirem confiantes. Somado a isso estava o fato de que a frente que os canadenses agora defendiam quase triplicou, após a derrota dos territoriais franceses no primeiro dia depois do ataque a gás³⁷.

Os canadenses trabalharam arduamente para preencher as

brechas abertas pelos combates do dia anterior. A mais difícil era uma lacuna de três quilômetros na frente, a oeste de Saint Julien. Ordens vieram do próprio general Alderson para que o 1º e o 4º batalhões da 1ª Brigada lançassem um contra-ataque para aliviar a brecha. “Às 5 horas, dois batalhões franceses devem contra-atacar Pilckem com a direita apoiada na estrada Pilckem-Ypres”, escreveu Alderson. “Você [1ª Brigada] cooperará com este ataque atacando ao mesmo tempo com a sua esquerda nesta estrada.”³⁸

Durante toda a madrugada os canadenses esperaram pelos franceses, mas, uma vez mais, estes não compareceram. O tenente-coronel Arthur Birchell, que lideraria o ataque, pensou ter visto os franceses se organizando em uma fazenda a um quilômetro de distância e deu ordem para que suas próprias tropas se afastassem. Ele estava errado. Como havia acontecido anteriormente em Kitchener's Woods, os franceses não se apre-



sentaram, e os canadenses foram forçados a atacar sozinhos. 1.600 homens moveram-se em ordem de marcha em direção à elevação Mauser Ridge, onde os alemães estavam ocupados escavando posições defensivas³⁹.

O cume estava a 1.500 metros de distância, e os alemães permitiram que os canadenses se movessem para o alcance útil do tiro de fuzil, antes de abrirem fogo. Disse o cabo Edward Wackett sobre o massacre que se seguiu: “Não parecia possível que qualquer ser humano pudesse viver sob a chuva de tiros e granadas que começou a cair sobre nós à medida que avançávamos. [...] Por um tempo, todos os outros homens pareceram cair.”⁴⁰

O ataque falhou completamente e os sobreviventes esconderam-se atrás de pequenas pilhas de esterco. No flanco direito, duas companhias do 3º Regimento de Middlesex britânico juntaram-se ao ataque e conseguiram lutar para chegar a 400 metros da posição alemã, antes de também serem detidos. Embora de-

tido pelo fogo inimigo, Birchell não desistiu. Ele pediu e recebeu reforços do 1º Batalhão, que chegou para ajudar o 3º Middlesex a tomar uma fazenda no flanco direito. Durante o resto do dia, as tropas aliadas avançaram o melhor que puderam e lutaram para manter as posições conquistadas com muito esforço⁴¹.

OS BRITÂNICOS TENTAM CONQUISTAR A ELEVAÇÃO

À tarde, a 13ª Brigada britânica chegou ao local com ordens de tomar o cume, em mais um ataque supostamente coordenado com os franceses. Uma força britânica deveria atacar no lado oeste da estrada Ypres-Pilckem que subia Mauser Ridge, enquanto outro destacamento consistindo de batalhões dos regimentos Buffs, Middlesex, 5º King's Own e 1º de York e Lancaster avançariam, ultrapassando os canadenses presos no lado leste da estrada. Os britânicos atacaram às 16h25 e foram instantaneamente des-



pedaçados, assim como os canadenses naquele dia⁴². Os zuavos franceses, finalmente chegando ao local, posicionaram-se lentamente na frente do 13º Regimento e prontamente avançaram, fazendo com que as tropas britânicas desviassem para a direita e superlotassem o terreno, tornando-os alvos principais das metralhadoras alemãs. Os canadenses apressaram-se para se juntar ao ataque, mas não lograram êxito. Os canadenses sofreram 850 mortos ou feridos na inútil tentativa de tomar o cume de Mauser Ridge, enquanto as perdas britânicas foram ainda maiores, quase 4.000 no total⁴³.

Felizmente para os Aliados, o duque Albrecht não conseguiu explorar as brechas em suas linhas, em grande parte devido aos desesperados contra-ataques britânicos e canadenses. Naquela noite, os alemães mobilizaram 34 batalhões adicionais para atacar os oito batalhões canadenses distribuídos entre Gravenstafel e

Kitchener's Woods⁴⁴. O ataque estava programado para começar ao amanhecer. Para ajudar no avanço, os alemães planejaram liberar mais gás cloro sobre os canadenses, esperando que eles abandonassem as posições e corressem, como os franceses haviam feito dois dias antes.

OS CANADENSES SUPORTAM UM NOVO ATAQUE A GÁS

Durante uma longa noite de espera, os canadenses reforçaram sua tênue posição, trazendo suprimentos e espalhando barris de água pelas trincheiras, para que os homens pudessem molhar os lençóis no caso de outro ataque com gás. Este não demorou a chegar. Às 4 da manhã, os alemães lançaram uma pesada nuvem de gás esverdeada que uma brisa de nordeste carregou rapidamente para as linhas canadenses⁴⁵.

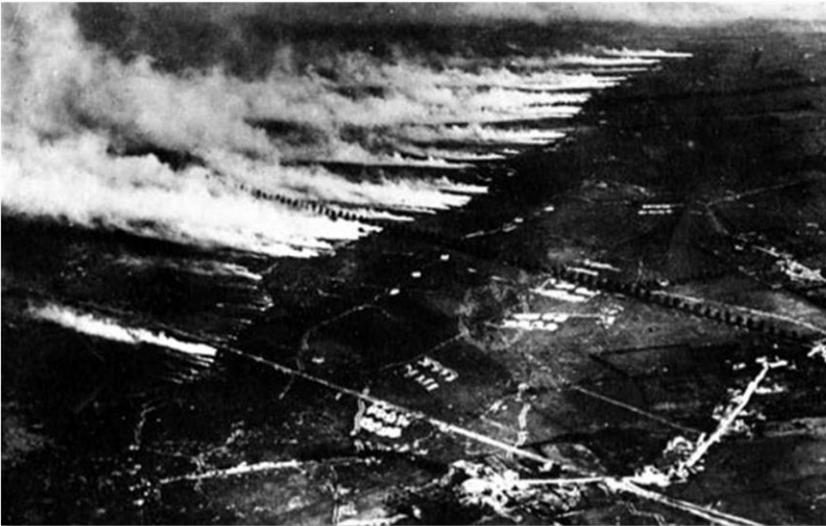


Os 8º e 15º batalhões, que controlavam a frente de um quilômetro, receberam o pior dos gaseamentos. Os soldados do 8º colocaram seus lenços molhados na boca, enquanto os homens do 15º receberam uma alta parede de gás que vazou em direção a eles. Os homens imediatamente tiveram dificuldade para respirar e muitos caíram no chão tossindo, cuspidando e vomitando por causa da fumaça. Apesar disso, o

8º não abandonou suas posições, em vez disso, preparou-se para enfrentar os alemães⁴⁶.

Para ter um vislumbre de seus atacantes, os canadenses foram forçados a sair de suas trincheiras para observar por cima do gás. Era uma situação turbulenta e confusa, agravada pelo fato de que os fuzis Ross travavam constantemente. De alguma forma, o 8º Batalhão, com a ajuda do fogo de enfiada do 5º

Fig. 7 – Os alemães liberam o gás Cloro a partir de cilindros pré-posicionados, aproveitando o vento favorável em Ypres, 1915



Fonte: Musée Royal de Histoire Militaire et des Forces Armées, Bruxelles



Batalhão, conseguiu deter o ataque alemão. Infelizmente, o 15º, localizado à esquerda, não se saiu tão bem. “Imagine o inferno em sua pior forma e você terá uma pequena ideia de como era”, comentou mais tarde o sargento William Miller⁴⁷. Ali o gás era tão forte que nem os lenços molhados amorteciam o efeito.

O 15º Batalhão foi repellido, e, com o fogo de cobertura de duas metralhadoras Colt, começou a recuar na direção de Saint Julien. Alguns soldados tombaram nas trincheiras de reserva em Gravenstafel Ridge. Os alemães estavam prestes a invadir completamente as enfraquecidas linhas canadenses, já a 300 metros do cume. Se ocupassem o terreno elevado ali, toda a frente canadense estaria comprometida⁴⁸.

Para proteger Gravenstafel Ridge, os 10º e 16º batalhões receberam ordens em Kitchener's Woods. O 10º já havia sofrido uma severa derrota, sendo reduzido a 20% de seu poder de combate original. Os dois bata-

lhões conseguiram correr em terreno aberto e reforçar as outras unidades canadenses, bem a tempo de repelir outro ataque alemão. Entre Saint Julien e Kitchener's Woods, as tropas canadenses posicionadas entre duas fazendas repeliram repetidos ataques inimigos. Vendo que o número absoluto de suas tropas e o gás venenoso por si só não poderiam quebrar a linha canadense, os alemães recorreram à sua artilharia, numericamente superior, sujeitando os canadenses a um terrível bombardeio⁴⁹.

Com os alemães disparando contra os dois batalhões canadenses de três direções, ficou claro estes se encontravam em uma situação desesperadora em Gravenstafel Ridge. Com os fuzis Ross travando, a munição acabando e os cadáveres de seus camaradas empilhados ao seu redor, os obstinados defensores na base da elevação tentaram abrir caminho através dos alemães em pequenos grupos. Os remanescentes do 7º Batalhão, posicionado a nordeste de Saint



Julien, foram ajudados em seus esforços pelo tenente Donald Bellew e pelo sargento Hugh Peerless, que cobriram a retirada com metralhadoras Colt. Deixando os alemães chegarem a 100 metros, os dois dispararam uma salva reveladora, enquanto os

não cair em mãos inimigas. Em seguida, ele pegou um fuzil com baioneta calada e enfrentou os alemães em um combate corpo-a-corpo. Finalmente rendido, Bellew foi feito prisioneiro. Mais tarde, ele receberia a Victoria Cross por suas façanhas⁵⁰. Os

Fig. 8 – Enfermeiras e médicos atendendo soldados britânicos gaseados em Bailleul



Fonte: Imperial War Museum

alemães continuaram resolutamente o ataque. Peerless foi morto e Bellew ferido, mas o corajoso tenente ainda não havia terminado. Ele continuou a disparar sua metralhadora até ficar sem munição, e então a destruiu, para

compatriotas canadenses que ele ajudou a escapar se uniram aos 14º e 15º batalhões, e estabeleceram uma nova linha defensiva, 270 metros à retaguarda.

Saint Julien ainda permaneceu em mãos canadenses, mas



não por muito tempo. As três companhias que defendiam a localidade sofreram um terrível bombardeio da artilharia alemã e, em seguida, travaram uma violenta luta de rua com 12 batalhões inimigos, antes de serem derrotadas. Por volta das 15h, os alemães tinham controle total da cidade e alguns canadenses, ainda vivos, foram capturados.

O brigadeiro Richard Turner, comandante da 3ª Brigada, ordenou que suas tropas recuassem para a Linha do Quartel-General (GHQ)⁵¹ ao longo da estrada Saint Jean-Poelcappelle. Foi um erro grave cometido por Turner, que, de alguma forma, interpretou mal a simples ordem de “manter sua linha”. Turner entendeu que isso significava a GHQ, e não a linha de contato com os alemães, ameaçada pela abertura da brecha. Além de causar centenas de novas baixas canadenses, a retirada equivocada abriu uma lacuna de três quilômetros e meio entre as trincheiras originais da 3ª Brigada e a linha GHQ. Apenas um punhado

de canadenses permaneceu na brecha, incluindo os defensores sitiados em Gravenstafel Ridge⁵².

O general Sir Arthur Currie, no comando da 2ª Brigada, continuou a controlar Gravenstafel Ridge, mas, a menos que chegassem reforços logo, seria forçado a se retirar. Novas tropas britânicas estavam por perto, mas receberam ordens para permanecer na retaguarda. Currie precisava desses homens e foi pessoalmente até a retaguarda para buscá-los. Os sempre meticulosos oficiais britânicos não movimentariam suas unidades sem ordens por escrito, entretanto Currie dirigiu-se ao quartel-general da 27ª Divisão britânica para obter os documentos necessários. Uma vez lá, ele teve um desentendimento acirrado com o major-general Thomas Snow, o comandante britânico. Currie informou a Snow, em termos inequívocos, que seus homens mal conseguiam aguentar e precisavam desesperadamente de reforços. Snow permaneceu imóvel, e atacou verbalmente Currie por este



não manter a linha sozinho⁵³. No caminho de volta para a 2ª Brigada, Currie conseguiu reunir alguns retardatários, mas, na maior parte do tempo, os canadenses que controlavam Gravenstafel Ridge permaneceram sem apoio britânico.

Apesar do descaso de Snow, este finalmente ordenou que reservas ajudassem os canadenses. O 12º Regimento de Rangers de Suffolk e o 12º de Londres dirigiram-se em direção à brecha que Turner inadvertidamente havia causado. Mais tropas britânicas começaram a chegar para reforçar a 3ª Brigada em Fourtin, na esperança de impedir que os alemães alcançassem a linha do GHQ. As tropas britânicas da Brigada York e Durham avançaram precipitadamente contra os alemães perto de Saint Julien. Com o auxílio preciso da artilharia canadense, as forças britânicas derrotaram os alemães, que evacuaram a cidade às pressas, temendo enfrentar um grande avanço aliado, retirando-se para terreno mais elevado ao norte.

UMA DERRADEIRA TENTATIVA DE CONQUISTAR O TERRENO ELEVADO

Turner ainda estava determinado a manter a linha GHQ. Às 19 horas, ele ordenou que o 1º Real Regimento irlandês e dois batalhões da Brigada York e Durham recuassem, reabrindo assim a mesma brecha que acabavam de fechar. O general Alderson finalmente percebeu a interpretação equivocada de Turner sobre a ordem de “manter sua linha”, mas agora estava escuro demais para tentar retomar o terreno perdido. Ambos os lados se prepararam para passar a noite. Os britânicos e canadenses, embora em desvantagem numérica de três para um, ainda resistiram, mas a posição precária de Currie em Gravenstafel Ridge, com seu flanco esquerdo indefinido, parecia provável que cairia à primeira luz do dia. Outras posições defensivas canadenses não estavam em melhores condições.

Persuadidos pelos franceses – que erroneamente pensaram



que os alemães estavam em menor número – a montar um contra-ataque, britânicos e canadenses concordaram em atacar às 3h30. A intenção deles era recapturar Saint Julien e “empurrar o inimigo daquela região para o mais ao norte possível”⁵⁴. O brigadeiro Charles Hull, comandando a 10ª Brigada britânica, lideraria o ataque, o qual, desencadeado na manhã do dia 25, resultou em um tremendo fracasso. Para começar, a ação foi adiada em uma hora, mas a artilharia não recebeu a informação, e abriu fogo no horário inicialmente planejado, alertando os alemães sobre o ataque iminente e anunciando que Saint Julien não estava mais em posse dos Aliados. Os alemães dirigiram-se imediatamente para a cidade vazia e a ocuparam. Além disso, apenas cinco batalhões britânicos foram escalados para participar do ataque, em vez da força prevista no planejamento inicial de 15 batalhões britânicos e canadenses combinados.

Fig. 9 – Depois da experiência em Ypres, todos os exércitos envolvidos na Grande Guerra providenciaram equipamentos de proteção ao gás mais adequados. Aqui, uma máscara contra gases canadense pós-Ypres, 1915.



Fonte: Musée de l'Armée, Paris

Somente às 5h30, perto do amanhecer, os batalhões designados para o ataque conseguiram entrar em posição. Cada um deles, então, atacou sozinho, de forma fragmentada, e foi massacrado pelas metralhadoras alemãs. O tenente Walter Critchley, do 10º Batalhão canadense, assistindo ao ataque, comentou



mais tarde: “Nunca vi tal massa-cre em minha vida [...] eles estavam alinhados em uma longa fila, em linha reta [...] e os hunos os atacaram com metralhadoras. Eles foram simplesmente arrasados. Foi patético.”⁵⁵ Às 7h, o ataque terminou, ao custo de 2.419 soldados britânicos mortos e feridos. Os remanescentes da 10^a Brigada recuaram para as linhas canadenses, e preencheram a brecha⁵⁶.

Os canadenses, no entanto, ainda permaneciam vulneráveis. A artilharia alemã lançou um bombardeio, enquanto sua infantaria atacou tanto a 28^a Divisão britânica, à direita, quanto a 1^a Divisão canadense, à esquerda. Os ataques foram rechaçados, mas os alemães conseguiram conquistar um trecho de 60 metros da trincheira aliada. Os canadenses mal conseguiam aguentar. Em razão de mais um mal-entendido, Alderson acreditou que Gravenstafel Ridge havia caído, e, em vez de ordenar que Snow enviasse reforços tão necessários para o cume, ordenou

ao general inglês que estabelecesse uma segunda linha meia milha atrás do cume, para deter o suposto avanço dos alemães. Mais uma vez os canadenses estavam sozinhos e por sua conta.

Milhares de soldados alemães fizeram então outro ataque massivo contra a posição Aliada diante do cume. Os defensores lutaram valentemente, mas foram derrotados pelo grande número de tropas inimigas. Currie e seus comandantes de batalhão decidiram com relutância pelo abandono do cume, e, sob o manto da escuridão, os canadenses se retiraram e retraíram para a nova linha britânica⁵⁷. Infelizmente, os britânicos não estavam lá. Temendo outro ataque à sua divisão, Snow simplesmente não moveu suas forças. Enquanto isso, as tropas britânicas em Gravenstafel Ridge recusaram-se a retirar-se sem ordens escritas. Mais uma vez abandonados, os canadenses decidiram dar meia-volta e se juntar a seus camaradas britânicos no cume.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A substituição na frente de batalha finalmente chegou para os canadenses sitiados na manhã seguinte, quando foram retirados da linha. Descanso e comida quente os aguardavam à retaguarda, enquanto novas tropas britânicas avançavam e assumiam suas posições.

Após a segunda Batalha de Ypres e a experiência intensiva com o uso de armas químicas pelos alemães, as forças canadenses continuaram a desempenhar um papel fundamental na Frente Ocidental. Enquanto a guerra avançava, o Canadá aumentou seu compromisso militar, enviando mais tropas e contribuindo significativamente com o esforço de guerra Aliado.

A participação canadense na ofensiva do Somme, em 1916, marcou outro capítulo crucial, quando suas forças desempenharam um papel importante na ofensiva aliada, enfrentando desafios significativos, incluindo terreno difícil e forte resistência

alemã. A vitória canadense na Batalha de Courcellette foi particularmente notável, evidenciando sua habilidade e determinação em condições de combate intensas.

Outro marco significativo para as forças canadenses foi a Batalha de Vimy Ridge, em abril de 1917. Nesse confronto, as tropas canadenses alcançaram uma notável vitória, capturando uma posição estratégica que havia resistido a tentativas anteriores de conquista. A vitória em Vimy Ridge é frequentemente citada como um momento de afirmação da identidade nacional canadense, destacando a coesão e a bravura de suas tropas.

As tropas canadenses também tiveram participação destacada na terceira Batalha de Ypres, também conhecida como a Batalha de Passchendaele. Enfrentando condições de lama e terreno difícil, os canadenses demonstraram uma notável resistência, apesar das adversidades, contribuindo para o avanço gradual das forças aliadas.



A nominada ofensiva dos Cem Dias foi o último grande esforço Aliado que finalmente levou ao colapso as Potências Centrais. As forças canadenses desempenharam um papel crucial nesse período, participando de operações importantes, como a Batalha de Amiens. A habilidade tática e a determinação das tropas canadenses foram fundamentais para o sucesso da ofensiva, que culminou na assinatura do Armistício, em 11 de novembro de 1918.

Apesar de todas essas vitórias, no entanto, foi o sangrento batismo de fogo de quatro dias, experimentado pela 1ª Divisão, na segunda Batalha de Ypres, que inscreveu na história a participação do Canadá na Grande Guerra. Metade de seus homens, 6.036, tornaram-se baixas de combate, entre mortos e feridos⁵⁸. No entanto, em sua primeira participação em combate, a divisão recém-formada e sem experiência contribuiu para evitar um grande desastre aliado.

O marechal de campo britânico Sir John French, comandante das forças britânicas na França, percebeu como a situação havia sido difícil e prestou homenagem aos integrantes do Império Britânico. “Os canadenses”, escreveu, “mantiveram-se firmes com uma magnífica demonstração de tenacidade e coragem; e não é exagero dizer que o porte e a conduta dessas esplêndidas tropas evitaram um desastre que poderia ter causado as mais graves consequências.”⁵⁹

Os próprios canadenses foram mais modestos em relação às suas façanhas. O soldado George Patrick, do 2º Batalhão, comentou: “Ninguém tinha ideia de sair. Não sabíamos o suficiente sobre isso para saber que estávamos derrotados. Entramos lá e íamos ficar lá, e pronto.”⁶⁰

FONTES PRIMÁRIAS

Diário de guerra da 1ª Divisão canadense. National Archives, Surrey.



Diário de guerra da 2ª Brigada canadense. National Archives, Surrey.

Diário de guerra da 3ª Brigada canadense. National Archives, Surrey.

Diário de guerra do 10º Batalhão canadense. National Archives, Surrey.

Diário de guerra do 15º Batalhão canadense. National Archives, Surrey.

Diário de Sir John French. Imperial War Museum, Londres.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, Ralph. *Ordeal by fire*. New York: Doubleday & Company, 1961.

BENEDICT, Michael (org.). *On the Battlefields: From the archives of "Maclean's Magazine"*. Toronto: Penguin Canada, 2002.

BROWN, Lawrence. *The canadian soldier*. Bayeux: Orep, 2017.

CANADA. Statisticas Canada. *The Constitution and Government of Canada, 1914*. 31 mar. 2008. Disponível em <<https://www65.statcan.gc.ca/a>

>[cyb07/acyb07_2014-eng.htm](https://www65.statcan.gc.ca/a/cyb07/acyb07_2014-eng.htm)>. Acesso em 6 fev. 2024.

COATE, Leslie. *Ypres 1914-1918: a study in history around us*. Brighton: Delia Press, 1995.

COLEMAN, Julie. *A History of cant and slang dictionaries* Oxford: Oxford University Press, 2008.

DUCKERS, P. *The Victoria Cross*. London: Shire Publications, 2011.

EDMONDS, James (coord.). *History of the Great War based on official documents*, t. 1, France and Belgium, 1915. London: Macmillan and Co., 1922-47.

FRANCIS, Roger et al. *The Ross Rifle story*. Toronto: Michael W. Leonard, 2002.

GLIDDON, Gerald. *For valour: Canadians and the Victoria Cross in the Great War*. Toronto: Dundurn, 2015.

GOVERNMENT OF CANADA. National security and defence. *Fred Fisher*. Disponível em <<https://www.canada.ca/en/department-national-defence/services/medals/victoria-cross-recipients/fred->



fisher.html> Acesso em 2 fev. 2024.

GOVERNMENT OF CANADA. *The Canadian Virtual War Memorial*. Disponível em <<http://www.veterans.gc.ca>>. Acesso em 5 fev. 2024.

HARVEY, David. *Monuments to Courage: Victoria Cross headstones and memorials*, v. 1, 1854–1916. Kevin & Kay Patience, 1999.

HOLLEMAN, A.; WIBERG, E. *Inorganic Chemistry*. San Diego: Academic Press, 2001.

KRAUSE, Jonathan. Dawn of gas warfare Ypres. *History War*, 29 dez.2020. Disponível em <<https://pt.everand.com/article/489464198/Dawn-Of-Gas-Warfare-Ypres>>. Acesso em 2 fev. 2024.

LAMFALUSSY, E. *La neutralité de la Belgique dans le système diplomatique du XIXe siècle: étude des traités de garantie de 1831 et 1839*. Bruxelles: Éditions de l'Institut de Sociologie, 1965.

MAISON DE L'HISTOIRE EUROPÉENNE. *From the trenches to the web: World War One centenary event*. 2018. Disponível em

<https://historia-euro-pa.ep.eu/sites/default/files/files/press/centenary_tour_finale_event_heh.pdf>. Acesso em 22 mar. 2022.

NICHOLSON, Gerald. *Canadian Expeditionary Force 1914–1919: official history of the Canadian Army in the First World War*. Ottawa: Queen's Printer and Controller of Stationery, 1964 [1962].

PAYAN-PASSERON, André. *La bataille de Lorraine d'août et septembre 1914: analyse stratégique et détaillée*. Paris: Éditions L'Harmattan, 2021.

ROBERTS, B. *The laws of war: constraints on warfare in the Western World*. Yale: Yale University Press, 2014.

SEYMOUR, Charles. *The diplomatic background of the War*. Yale: Yale University Press, 1916.

SMITH, F.; SMITH, J. *The history of chemical warfare*. New York: Dorset Press, 1998.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. São Paulo: Contexto, 2015.



THE GREAT WAR 1914-1918.
The Second Battle of Ypres, 1915.
Disponível em
<<http://www.greatwar.co.uk/battles/second-ypres-1915/prelude/defences.htm>>.
Acesso em 3 fev. 2024.

NOTAS

¹ MUSÉE IN FLANDERS FIELDS. Disponível em <<https://www.inlandersfields.be/fr>>. Acesso em 2 abr 2022.

² De acordo com Sondhaus (2015, p.13) “em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como ‘Primeira Guerra Mundial’ [...]”. No entanto, segundo o autor, “o rótulo de ‘Primeira Guerra Mundial’ só se tornaria corrente depois de 1939, quando a revista *Time* e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão ‘Segunda Guerra Mundial’.” No presente trabalho, a partir daqui, utilizarei a

expressão contemporânea Grande Guerra.

³ SEYMOUR, Charles. *The diplomatic background of the War*. Yale: Yale University Press, 1916.

⁴ O Plano Schlieffen foi uma estratégia militar alemã desenvolvida pelo Marechal Alfred von Schlieffen antes da Primeira Guerra Mundial. Criado em 1905, o plano buscava uma rápida vitória alemã ao contornar as fortificações francesas pela Bélgica e, subsequentemente, cercar as forças francesas pelo oeste. A ideia central era uma mobilização em massa e uma manobra envolvente, visando derrotar a França em um curto período antes de se voltar contra a Rússia. Cf. MAISON DE L’HISTOIRE EUROPÉENNE. *From the trenches to the web: World War One centenary event*. 2018. Disponível em <https://historia-euro-pa.ep.eu/sites/default/files/files/press/centenary_tour_finale_event_heh.pdf>. Acesso em 22 mar. 2022.

⁵ Antes da eclosão da Grande Guerra, França e Grã-Bretanha formalizaram acordos em que se comprometiam com a defesa da neutralidade belga contra possíveis ataques. O tratado franco-belga foi assinado em 19 de abril de 1839, como parte do reconhecimento internacional da independência belga após a Revolução Belga de 1830. Já o tratado anglo-



belga foi estabelecido em 22 de agosto de 1839, ambos reforçando o compromisso de proteger a integridade territorial da Bélgica. Esses tratados, conhecidos como os Tratados de 1839, ganharam relevância crucial durante a Grande Guerra, quando a invasão alemã da Bélgica em agosto de 1914 desencadeou o apoio militar da França e da Grã-Bretanha em defesa da soberania belga. Ver LAMFALUSSY, E. *La neutralité de la Belgique dans le système diplomatique du XIXe siècle: étude des traités de garantie de 1831 et 1839*. Bruxelles: Éditions de l'Institut de Sociologie, 1965.

⁶ PAYAN-PASSERON, André. *La bataille de Lorraine d'août et septembre 1914: analyse stratégique et détaillée*. Paris: Éditions L'Harmattan, 2021.

⁷ CANADA. Statistic Canada. *The Constitution and Government of Canada, 1914*. 31 mar. 2008. Disponível em <https://www65.statcan.gc.ca/acyb07/acyb07_2014-eng.htm>. Acesso em 6 fev. 2024.

⁸ BROWN, Lawrence. *The canadian soldier*. Bayeux: Orep, 2017.

⁹ Ibid.

¹⁰ O tenente-general Sir Edwin Alfred Hervev Alderson era um oficial de carreira do Exército Britânico que serviu em várias campanhas do final do século XIX e início do século XX.

Entre 1915 a 1916, durante a Grande Guerra, comandou a Força Expedicionária Canadense na Frente Ocidental. Ver ALLEN, Ralph. *Ordeal by fire*. New York: Doubleday & Company, 1961.

¹¹ Diário de guerra da 1ª Divisão canadense. National Archives, Surrey.

¹² FRANCIS, Roger et al. *The Ross Rifle story*. Toronto: Michael W. Leonard, 2002.

¹³ NICHOLSON, Gerald. *Canadian Expeditionary Force 1914–1919: official history of the Canadian Army in the First World War*. Ottawa: Queen's Printer and Controller of Stationery, 1964 [1962].

¹⁴ Diário de guerra da 1ª Divisão canadense. National Archives, Surrey.

¹⁵ "Terra de ninguém" é um termo empregado para designar um território não ocupado ou, mais especificamente, um território sob disputa entre partes que não o ocuparam por medo ou incerteza. O termo é uma derivação da expressão da língua inglesa "no man's land" (literalmente, "terra de nenhum homem") criada durante a Grande Guerra. Cf. COLEMAN, Julie. *A History of cant and slang dictionaries* Oxford: Oxford University Press, 2008.

¹⁶ SMITH, F.; SMITH, J. *The history of chemical warfare*. New York: Dorset Press, 1998.



¹⁷ Fritz Haber (1868-1934) foi agraciado com o Prêmio Nobel de Química em 1918 em reconhecimento ao seu papel crucial no desenvolvimento do processo Haber-Bosch, que possibilitou a produção em escala industrial de amônia. Essa contribuição teve um impacto significativo na agricultura, permitindo a fabricação de fertilizantes em larga escala e, consequentemente, influenciando a produção global de alimentos. Ver HOLLEMAN, A.; WIBERG, E. *Inorganic Chemistry*. San Diego: Academic Press, 2001.

¹⁸ A Convenção de Haia de 1899, em seu Anexo à Convenção IV, estabeleceu uma proibição do uso de projéteis que tinham como objetivo a difusão de gases asfixiantes ou prejudiciais. A nova convenção, de 1907, reafirmou essas proibições no Artigo 23, que eram, principalmente, dirigidas aos projéteis de artilharia projetados para espalhar as substâncias venenosas. Ver ROBERTS, B. *The laws of war: constraints on warfare in the Western World*. Yale: Yale University Press, 2014.

¹⁹ SMITH; SMITH, op.cit.

²⁰ COATE, Leslie. *Ypres 1914-1918: a study in history around us*. Brighton: Delia Press, 1995.

²¹ Ibid.

²² KRAUSE, Jonathan. Dawn of gas warfare Ypres. *History War*, 29

dez.2020. Disponível em <<https://pt.everand.com/article/489464198/Dawn-Of-Gas-Warfare-Ypres>>. Acesso em 2 fev. 2024.

²³ Ibid.

²⁴ SMITH; SMITH, op.cit.

²⁵ COATE, op.cit.

²⁶ SMITH; SMITH, op.cit., 1998.

²⁷ COATE, op.cit.

²⁸ Ibid.

²⁹ HARVEY, David. *Monuments to Courage: Victoria Cross headstones and memorials*, v. 1, 1854–1916. Kevin & Kay Patience, 1999.

³⁰ SMITH; SMITH, op.cit., 1998.

³¹ COATE, op.cit.

³² GOVERNMENT OF CANADA. National security and defence. *Fred Fisher*. Disponível em <<https://www.canada.ca/en/department-national-defence/services/medals/victoria-cross-recipients/fred-fisher.html>> Acesso em 02 fev. 2024.

³³ A Medalha Victoria Cross (VC) é a mais alta condecoração militar concedida por bravura no Reino Unido e em outros países do Império Britânico. Foi instituída em 1856, durante a Guerra da Crimeia, e é concedida por atos de coragem excepcionais em presença do inimigo. Ver DUCKERS, P. *The Victoria Cross*. London: Shire Publications, 2011.



³⁴ COATE, op.cit.

³⁵ Diário de guerra do 10º Batalhão canadense. National Archives, Surrey.

³⁶ BROWN, op.cit.

³⁷ COATE, op.cit.

³⁸ Diário de guerra da 1ª Divisão canadense. National Archives, Surrey.

³⁹ COATE, op.cit.

⁴⁰ Diário de guerra da 1ª Divisão canadense. National Archives, Surrey.

⁴¹ EDMONDS, James (coord.). *History of the Great War based on official documents*, t. 1, France and Belgium, 1915. London: Macmillan and Co., 1922-47.

⁴² Ibid.

⁴³ COATE, op.cit.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ KRAUSE, op.cit.

⁴⁶ COATE, op.cit.

⁴⁷ Diário de guerra do 15º Batalhão canadense. National Archives, Surrey.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ KRAUSE, op.cit.

⁵⁰ BENEDICT, Michael (org.). *On the Battlefields: From the archives of "Maclean's Magazine"*. Toronto: Penguin Canada, 2002.

⁵¹ A GHQ consistia em uma segunda linha de defesa, mais recuada do que a linha de frente inicial e mais próxima a cidade de Ypres, no consoante com a defesa em profundidade estabeleci-

da pela doutrina militar britânica da época. Ver THE GREAT WAR 1914-1918. *The Second Battle of Ypres, 1915*. Disponível em <<http://www.greatwar.co.uk/battles/second-ypres-1915/prelude/defences.htm>>. Acesso em 3 fev. 2024.

⁵² Diário de guerra da 3ª Brigada canadense. National Archives, Surrey.

⁵³ KRAUSE, op.cit.

⁵⁴ COATE, op.cit.

⁵⁵ Diário de guerra do 10º Batalhão canadense. National Archives, Surrey.

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ Diário de guerra da 2ª Brigada canadense. National Archives, Surrey.

⁵⁸ Diário de guerra da 1ª Divisão canadense. National Archives, Surrey.

⁵⁹ Diário de Sir John French. Imperial War Museum, Londres.

⁶⁰ GOVERNMENT OF CANADA. *The Canadian Virtual War Memorial*. Disponível em <<http://www.veterans.gc.ca>>. Acesso em 5 fev. 2024.